

## **XV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã / Mídia Cidadã**

**Tema central:**

**Comunicação Cidadã: gênero, raça, diversidade e redes  
colaborativas no contexto da pandemia**

**22 a 24 de junho de 2021, online**

**Iniciativa e Realização**

Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular,  
Comunitária e Cidadã - **ABPCom**  
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – **UNESP**  
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design – **FAAC**  
Departamento de Comunicação Social – **DCSO**

---

### **GRUPO DE TRABALHO CULTURAS POPULARES, IDENTIDADES E CIDADANIA**

---

**Imigrantes no Brasil: trajetórias ascendentes nos espaços econômico, político,  
midiático e intelectual<sup>1</sup>**

Ingrid Pereira de Assis<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Tocantins (UFT)

**Resumo:** Este artigo, por meio de uma revisão bibliográfica sistemática, traça um levantamento que objetiva examinar como imigrantes sírios e libaneses ascenderam econômica, politicamente e intelectualmente no Brasil. Esta discussão compara as particularidades dos tipos de ascensões sociais, incluindo os identificados no Maranhão. Além disso, visa observar os desdobramentos do uso do mesmo esquema de análise centrado em trajetórias de agentes exemplares. Conclui-se, por meio deste artigo, que a permanência e o destaque econômico e, por vezes, político e intelectual, desses agentes se deram, em parte, pela interação com os costumes locais e devido à mobilização de estratégias de dominação e reprodução já tão peculiares à sociedade brasileira.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT2 - Culturas populares, identidades e cidadania, da XV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2020-2021, de 22 a 24 de junho de 2021, na modalidade online – realizada ABPCOM – Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã e UNESP – Universidade Estadual Paulista / FAAC – Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Departamento de Comunicação.

<sup>2</sup> Professora substituta do curso de Jornalismo, da Universidade Federal do Tocantins (UFT); doutora em Jornalismo, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com doutorado sanduíche pela Universidade de Aveiro (Portugal); mestra em Ciências Sociais, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA); e bacharel em Comunicação Social– Hab. Jornalismo, também pela UFMA. E-mail: ingrid.p.assis@hotmail.com.

**Palavras-chave:** imigração; trajetória; elites; estratégias de dominação.

## 1 Introdução

Por sua vastidão territorial e potencial econômico, o Brasil em épocas distintas atraiu imigrantes de variadas nacionalidades: libaneses, sírios, alemães, armênios, judeus, japoneses etc. Atualmente, em praticamente todo o território brasileiro, pode-se encontrar um descendente de alguma etnia estrangeira. Este artigo foca na entrada dos sírios e libaneses no Brasil para mostrar que a permanência, os destaques econômico e político desses agentes, por vezes, ocorreram pela interação com os costumes locais e pela mobilização de estratégias de dominação e reprodução já tão enraizadas na sociedade brasileira.

Sendo assim, neste artigo, parte-se de uma revisão bibliográfica sistemática para reconstruir as estratégias de ascensão econômica, política e intelectual de imigrantes destas etnias, em alguns Estados brasileiros. A partir dessa discussão se estabelece uma comparação das particularidades dessas ascensões sociais com a de descendentes de sírio-libaneses no Maranhão. Além disso, tal sistematização possibilita observar os desdobramentos do uso do mesmo esquema de análise centrado em trajetórias de agentes exemplares. De acordo com Pierre Bourdieu (2002, p. 9):

En nuestras sociedades, donde diferentes instrumentos de reproducción están disponibles, la estructura de la distribución de poderes sobre los instrumentos de reproducción es el factor determinante del rendimiento diferencial que los distintos instrumentos de reproducción están en la medida de ofrecer a las inversiones de diversos agentes, y por tanto, de la reproducibilidad de su patrimonio y de su posición social, y por tanto de la estructura de sus propensiones diferenciales a invertir sobre los distintos mercados.

Objetiva-se mostrar que, independente da região escolhida como morada, parte desses imigrantes ascenderam econômica e politicamente no Brasil devido ao acionamento de estratégias de dominação e a reprodução da posição social alcançada para os seus descendentes. Outra questão levantada é a relação da ascensão desses imigrantes e descendentes com a proximidade com indivíduos já pertencentes às camadas mais elevadas da sociedade brasileira, e a posterior reprodução desse sistema tão perfeitamente engendrado no Brasil. As posições ocupadas na sociedade, as relações desenvolvidas por esses agentes permitirão a ascensão social, servindo como recursos para as disputas de poder. Conforme explica Grill (2008, p. 15):

Bourdieu (...), por sua vez, remete a questão para a necessidade de se estudar espaços estruturados por relações objetivas entre indivíduos e propriedades, recursos que se aproximam ou se diferenciam e princípios de legitimação concorrentes. Assim, trata-se de apreender a multidimensionalidade dos recursos dos agentes, a estrutura de capital, de poder e de dominação em diferentes esferas sociais. (...) Postula-se, pois, a centralidade da utilização da análise de trajetórias sociais. Ou seja, compreender as posições ocupadas pelos agentes, seu

deslocamentos no espaço social, as transformações ocorridas neste último e nos campos específicos nos quais investem. Desse modo, apreende-se o conjunto de recursos e atribuições acumulados, bem como seu valor de acordo com as lógicas de concorrência.

Sendo assim, ao analisar e reconstruir a trajetória desses agentes, foca-se nos recursos econômicos, sociais e políticos adquiridos e nas posições alcançadas por esses atores em diferentes espaços sociais. Nessas trajetórias, os investimentos realizados e as estratégias acionadas permitiram um acúmulo de capital e a reprodução das posições de destaque. Ressalta-se que isto pode ser percebido em diferentes processos migratórios no Brasil.

O recorte selecionado para este artigo possibilitou, por um lado, cotejar os itinerários de ascensão econômica e afirmação política em distintos contextos, e, por outro, refinar os instrumentos de pesquisa privilegiados na investigação, percorrendo trabalhos que mobilizaram o mesmo esquema analítico de forma qualificada.

## **2 A migração e as trajetórias dos agentes**

Segundo Oswaldo Truzzi (1991), os primeiros imigrantes sírios e libaneses chegaram ao país por volta da década de 70, do século XIX. Nessa fase pioneira, de acordo com versão difundida, a maioria dos imigrantes vinha só, diferentemente das demais nacionalidades que chegavam ao país na época. Eram, em maioria, jovens cujas famílias estavam passando dificuldades pela falta de terrenos para a agricultura e que estavam sofrendo perseguições religiosas dos turcos. Somente depois de conseguirem uma fonte de renda é que esses imigrantes mandavam trazer seus familiares. Outro ponto distinto foi o casamento que se dava, principalmente, entre pessoas da mesma nacionalidade. Oswaldo Truzzi (1991) montou um quadro onde se percebe a diferença com relação às demais nacionalidades que migraram para o país. Enquanto a porcentagem de casamentos entre sírios era de 50,5%, entre italianos era de 20,2%, já entre portugueses era de 35%<sup>3</sup>. Esse dado é importante para perceber como se configurava a sociabilidade dos sírios e libaneses, no início da imigração para o Brasil. Truzzi (1991, p. 32-33) aponta que:

Se de modo geral as alianças matrimoniais na colônia tenderam no início a ocorrer internamente a esta, entre as famílias mais bem sucedidas economicamente este processo foi ainda mais marcante. Neste caso somou-se à predisposição endogâmica a preocupação com a manutenção do patrimônio acumulado. O resultado para a primeira geração de filhos de imigrantes nascida no Brasil foi um padrão de casamento muito marcado pelas alianças no interior da própria família ampliada.

Essa reprodução endógena, que poderia acarretar em um distanciamento entre a etnia e a sociedade brasileira da época, acabou não tendo uma consequência tão voraz por causa da atividade econômica escolhida por esses imigrantes, conhecida como “mascateação”. Essa ocupação não colocava os imigrantes sírios e libaneses na posição de submissos tanto quanto o colonato ou a

---

<sup>3</sup> O autor partiu de dados coletados sobre casamentos realizados entre os anos de 1940 e 1946.

proletarização, que eram comuns aos imigrantes italianos, por exemplo. Truzzi (1991, p. 54) frisa que:

Esta “vocação” comercial significou algo mais específico do que uma mera inserção urbana, não devendo ser confundida com esta condição mais ampla por dois motivos: em primeiro lugar, porque a zona rural constituiu uma base espacial importante às atividades do mascate e em segundo lugar porque eles não aderiram a outras ocupações tipicamente urbanas, fora do comércio.

Trabalhar como mascate permitiu aos imigrantes s rios e libaneses a sociabilidade que poderia ser negada por causa da homogamia étnica dos primeiros vínculos firmados no Brasil. Ademais, esta atividade econômica deu a eles uma possibilidade de crescimento maior que as demais atividades destinadas aos imigrantes, como a atuação nas lavouras. A “mascateaç o”, posteriormente, possibilitaria aos imigrantes uma ascensão econômica significativa, pois os s rios e libaneses privilegiavam a iniciativa pessoal, a autonomia econômica. Até os anos 1940, a maior preocupação dos imigrantes s rios e libaneses era com a atividade comercial. Truzzi (1995, p. 29) observa que, neste período, “a atividade política soava como algo muito distante”. A primeira referência às casas de comércio administradas por imigrantes s rios e libaneses data do ano de 1893, demonstrando uma inserção no comércio varejista. Em 1901, foram registrados mais de 500 estabelecimentos pertencentes a imigrantes destas  tnias. Para Truzzi (1991, p. 63):

Qualquer balanço da bem-sucedida saga da colônia s ria e libanesa em termos de sua ascensão econômica não pode deixar de destacar os dois elementos básicos que deram sustentação ao processo como um todo. Em primeiro lugar, as relações de complementariedade e de ajuda mútua estabelecidas no interior da colônia. Elas se manifestaram num sem-número de mecanismos que se desenvolveram desde a acolhida dos recém-chegados pelos já residentes até a ponta das relações de complementariedade que se estabeleceram entre industriais e grandes comerciantes. (...) O segundo elemento fundamental diz respeito ao contínuo processo de realimentação que representou a importação de parentes e conterrâneos pelos já estabelecidos.

Essas relações de apoio (ajuda mútua) e de importação de parentes, também, poderão ser vistas na migração libanesa para o Maranhão. O autor destaca que essas relações comerciais, baseadas muitas vezes em relações pessoais, construíram um “sustentáculo” importante economicamente (TRUZZI, 1991). Truzzi ressalta, ainda, o quanto os s rios e libaneses ampliaram as possibilidades do comércio no Brasil, principalmente, por adotarem uma política de venda a crédito. Tal atividade os levaria à ascensão econômica, não apenas pelo contexto de expansão que propiciava um bom momento para o comércio, mas, também, porque a atividade inicial de mascate possibilitou a ampliação das redes de relações dentro do país.

Ao atingirem uma posição economicamente relevante no cenário da época, os s rios e libaneses e seus descendentes passaram a se inserir nas profissões liberais (tais como advocacia, medicina e engenharia). É dentro dessas escolas de formação mais valorizadas no país, tidas como de elite, que esses agentes v o ampliar suas redes de relações.

Análise das modalidades de inserção das etnias em cada uma destas escolas de elite evidencia a construção de uma rede de alianças muitas vezes decisivas para o futuro das carreiras dessa geração: alianças internas ao grupo, com colegas de famílias bem posicionadas externas à etnia, com professores e ainda com profissionais já bem estabelecidos no ramo (TRUZZI, 1991, p. 83).

Essa primeira geração da colônia sírio-libanesa, além de já estar bem inserida no espaço econômico, passou a galgar espaço dentro dos centros de educação e ampliar as redes de relações. Pondera-se que a boa projeção econômica leva a conseguir, mais facilmente, boas posições nesses centros educacionais e a conquista de espaço dentro dos centros conduz a uma ampliação nas possibilidades econômicas dessas pessoas e dos vínculos interpessoais com membros da elite. Truzzi (1991, p. 90) frisa, ainda, que essa primeira geração é marcada pela “quantidade apreciável de ingressantes na elite das profissões liberais e a virtual ausência de alianças conjugais com famílias mais tradicionais ou mais bem posicionadas economicamente”.

A partir do crescimento econômico e tendo adentrado espaços antes só ocupados pela elite brasileira, como era o caso de certos centros de ensino (como a Faculdade de Medicina), não tardou para que descendentes ocupassem cargos públicos (políticos) importantes. Truzzi (1995) exemplifica com a figura de Ricardo Jafet, que, em 1951, foi escolhido por Getúlio Vargas para ser presidente do Banco do Brasil. Segundo Truzzi (1995, p. 53-54):

É importante, contudo, que dois aspectos sejam ressaltados. Em primeiro lugar, o elevado número de profissionais liberais, quase todos filhos de imigrantes (cujos pais, portanto, muito provavelmente iniciaram suas trajetórias como mascates), que depois se tornaram políticos. De um universo de 88 mandatos de deputados federais, estaduais (eleitos por São Paulo), ou de vereadores da capital, exercidos por 41 políticos distintos de origem sírio-libanesa, cerca de dois terços eram profissionais liberais de nível superior, sobretudo advogados e médicos. Em segundo lugar, salta aos olhos a presença maciça de personagens que entraram na política estadual e federal a partir de carreiras iniciadas em cidades interioranas.

Truzzi (1995) demarca, ainda, que alguns fatores foram determinantes nessa trajetória socioeconômica da colônia libanesa e permitiram a entrada na política. Dentre eles estão: a inserção urbana, embora nem sempre na capital do Estado; o desenvolvimento de um nicho integrado de especialização econômica; e, por fim, como já foi mencionado antes, um investimento na educação da primeira geração nascida no Brasil. Esse último fator colaborou, sobretudo, na aproximação desses descendentes de imigrantes com a elite profissional da época, pois eles passavam a se relacionar dentro das instituições de ensino. Essa realidade foi após o crescimento econômico dessas famílias, pois, como o próprio autor ressalta, até os anos de 1940, a entrada na política parecia uma realidade distante desses imigrantes. De acordo com Truzzi (1995, p. 29): “A preocupação com o cotidiano, tecido de estratégias familiares de sobrevivência, sempre se mostrou infinitamente mais importante e, nesse aspecto, pouca diferença há entre os sírios e libaneses e os outros grupos de imigrantes”. O autor observa que a maioria dos descendentes de sírios e libaneses

que se lançariam em carreiras políticas procedia de famílias cujos pais haviam trabalhado como mascates. No Maranhão, o processo de ascensão dos libaneses não foi diferente, sobretudo, devido à inserção comercial.

Embora se concentrem mais em São Paulo, os libaneses e seus descendentes estão espalhados por todo o território brasileiro, como é o caso do Maranhão. Os primeiros imigrantes libaneses ocuparam, primeiramente, os territórios do interior do Estado e, aos poucos, foram se deslocando para o litoral, São Luís, mais precisamente. Olavo Correia Lima (1981) demonstrou a diferença entre imigrantes sírios e libaneses em São Luís e no interior<sup>4</sup>. A partir do seu trabalho, é possível perceber que o número de famílias que se estabelecem em cidades do interior do Estado é bastante superior ao de famílias que ficam na capital (São Luís). O antropólogo resgata uma segunda leva de imigrantes sírios e libaneses, que estimulou a vinda de outros. De acordo com Lima (1981, p. 27):

Na segunda leva, no início do sec. XX (1901), vieram os Ázars (Esber e Miguel) e os Chamiés Estes motivaram a vinda de outros, a última diáspora: Chames Aboud, Farah, Damous, Fiquene, Muchereck, Saback, Facuri, Tajra, Curi, Millet, Sequeff, Safady, Nazar, Maluf (Rosário), Mubarack, Buzar (Itapecuru), Trovão (Coroatá), Abdala, Tomé (Timbiras); Boeres (Bequimão) e mais Waquim, Nahuz, Dino, Mattar, Francis, Boabaid, Chuaty e outros”.

Na atualidade, pode-se identificar no dia a dia o quanto essa migração foi intensa. Diariamente, pode-se observar determinados sobrenomes pertencendo a altas rodas políticas, econômicas e intelectuais no Estado. São eles: Abas, Abdalla, Aboud, Ageme, Amate, Araújo<sup>5</sup>, Assad, Assen, Assub, Atta, Ayoub, Ázar, Bahury, Baquil, Béliche, Bohaid, Bohabaid, Boueres, Braid, Buhaten, Buzar, Cassas, Cateb, Chaib, Chaim, Cury, Dadou Damous, Dino, Duailibe, Elouf, Facury, Fahd, Faray, Fecury, Félix, Feres, Fiquene, Franciss, Frejah, Gedeon, Habibe, Hachen, Hadade, Haickel, Haidar, Heluy, Jodão, Jorge, Kubrusly, Lamar, Lauande, Maluf, Marão, Mattar, Mettre, Millet, Mohana, Moisés, Mouchereck, Moussalen, Mubarack, Nagen, Nahuz, Nasser, Naufel, Nazar, Nessralla, Nicolau, Rabhani, Rabut, Saad, Sabbak, Safady, Said, Saif, Salem, Salmen, Sauaia, Sekeff, Simão, Tanus, Thomé, Trabulsi, Trade, Utta, Waquim, Webá, Zaidan, Zenni e Zeitoune<sup>6</sup>.

<sup>4</sup> Muitos imigrantes sírios e libaneses se instalaram no interior do Maranhão. Posteriormente, com a ascensão econômica, muitas dessas famílias foram para a capital, São Luís. Milson Coutinho (2001, p. 111) exemplifica com a família Mohana: “...se fixaram inicialmente em Viana e depois se estabeleceram em São Luís, onde fundaram a Casa Mohana”.

<sup>5</sup> O sobrenome “Araújo” entra nessa lista, mesmo sendo mais conhecido como português do que propriamente libanês, porque, na época da entrada das famílias no Brasil, os registros dos imigrantes foram mudados. O sobrenome Darwich acabou sendo traduzido como Araújo.

<sup>6</sup> Segundo Milson Coutinho (2001, s/p): “Entre esses ilustres clãs alternam-se e alteiam-se homens de negócios, altas patentes militares, religiosos, escritores, poetas, magistrados, membros do Ministério Público, médicos, advogados, parlamentares federais, estaduais e municipais, cientistas, industriais, e, para fechar, cinco governadores: Antonio Dino, José Murad, Alfredo Duailibe, César Aboud e Ribamar Fiquene”.

Nota-se que alguns desses sobrenomes estão associados a casos de ascensão econômica, política e, por vezes, de afirmação intelectual no Estado, bem como destaque e vínculo com veículos de comunicação, especialmente jornalísticas. Pode-se ir além nessa observação, alguns desses descendentes de libaneses convertem os diferentes capitais (econômico, intelectual e midiático) para o espaço político. Percebe-se, então, a formação de uma elite de caráter multidimensional, com o poder distribuído em diferentes espaços. Desse modo, quanto mais bases de capitais agregam, maior é a superfície social que conseguem dominar. O agente que possui diferentes capitais (cultural, econômico, político etc.) consegue converter as posições de um domínio para o outro.

Pode-se enumerar alguns exemplos do que foi descrito acima. A Academia Maranhense de Letras (casa que reúne os destaques literários) recebe, há algum tempo, descendentes de libaneses. Joaquim Nagib Haickel foi o último a ser empossado. Ele ocupou a cadeira de número 37 em uma solenidade no dia 2 de outubro de 2009, e está diretamente vinculado politicamente à “família Sarney”, de tradicional envolvimento político no Maranhão. Ele já ocupou o cargo de secretário de Esportes do Estado, durante o governo de Roseana Sarney, filha de José Sarney, e possui algumas concessões de rádio.

Em entrevista concedida a Igor Gastal Grill, Emílio Biló Murad<sup>7</sup>, pertencente a uma das famílias que vieram na “primeira leva”, relembrou que o primeiro representante de sua família a vir para o Brasil foi o seu tio, Joanes Murad, que se estabeleceu no município de Itapecuru (MA). Biló Murad afirmou que<sup>8</sup>:

Com a proximidade da Primeira Guerra Mundial, meu tio mandou buscar o seu irmão, meu pai, Ananias Murad. Ele também veio para Itapecuru. Nessa cidade, ele casou a primeira vez, com uma descendente de libanês. Depois de ficar viúvo, casou-se novamente, com uma filha de comerciantes, uma maranhense da família Azar que foi criada no Líbano. A essa altura, ele já tinha um comércio que vendia de tudo, gêneros alimentícios, coisas de limpeza. O irmão do meu pai era comerciante também, cada um com o seu negócio.

Ananias Murad e sua esposa tiveram seis filhos: Antônio José, Benedito, Aluísio, Emílio, Arnaldo e Nazira. O primeiro filho nasceu em Codó (MA) e os demais em Itapecuru (MA). Quando a família se estabeleceu em Codó (MA) recebeu grande apoio de Sebastião Archer<sup>9</sup>. “Teve um

---

<sup>7</sup> Emílio Biló Murad nasceu no dia 2 de março de 1926 e morreu no dia 17 de novembro de 2009, aos 83 anos de idade. Ele foi casado com Antonieta Nunes Murad e, juntos, tiveram seis filhos: Maria Emília, Simone, Virgínia, Ananias, Emílio Biló e Jakqueline.

<sup>8</sup> Em entrevista realizada no dia 15/06/2007 por Igor Gastal Grill

<sup>9</sup> Em 1892, construía-se a primeira indústria de Codó (MA) - Companhia Manufatureira e Agrícola, de propriedade de Emílio Lisboa, tendo como engenheiro Palmério Cantanhede. Um dos diretores da fábrica, genro do seu proprietário, era João Ribeiro, que, em 1908, levou para Codó (MA) Sebastião Archer da Silva, até então solteiro, para exercer as funções de escriturário. Sebastião Archer se casou com Maria José Bayma, filha do então chefe político da cidade, Manoel Ferreira Bayma, que veio a falecer em 1919. Deste casamento nasceram Remy, Renato, Ruy e Rute. Após a morte de Maria José, Sebastião Archer casou com Marita Bayma. Juntos eles tiveram Ronaldo Archer. Acumulando ações, Sebastião Archer chegou a ter o monopólio da Companhia Manufatureira e Agrícola, que no período da Segunda Guerra Mundial sofreu grande crise, fechando definitivamente suas portas na década de 50. Sebastião Archer foi

período em que houve uma crise que quebrou a nossa fábrica. Nessa época, Sebastião ofereceu um quarteirão para o meu pai de Biló e sua afilhada. Nesse imóvel, a minha mãe abriu um bar”, explicou Emílio Biló Murad. Em momentos de crise econômica, os filhos eram convocados para regressar à Codó. “Estudei no Ateneu, no Liceu e no Colégio São Luís. Quando estava fazendo um curso técnico, voltei para Codó porque meu pai estava precisando de mim”, comentou Biló Murad.

Outro exemplo disso, é que, com a morte de Ananias Murad, Antônio José (filho mais velho, que estudava fora) interrompeu o curso e retornou para ajudar a mãe no comércio. É nesse retorno a Codó que Emílio Biló Murad se envolve com a política. Em entrevista, ele disse que:

Quando cheguei peguei muita popularidade na cidade. Eu participava de tudo que é sociedade, time de futebol etc. Depois, engajei-me em uma das campanhas do governador Sebastião Archer. E, em contrapartida, ele me inscreveu como candidato a vereador. Isso aconteceu quando eu tinha uns 18 anos. Na minha primeira eleição, fiquei como primeiro suplente e depois assumi. Conclui três mandatos de vereador.

Ao longo de sua carreira política, Emílio Biló Murad foi candidato a prefeito, mas perdeu, e, depois, se candidatou, em 1962, a deputado estadual pelo Partido Social Progressista (PSP). “Fui candidato sem o apoio da família Archer, mas sem brigar. Fui um bom deputado estadual”, ressaltou. Emílio Biló Murad ocupou também o cargo de deputado federal e estabeleceu várias relações diretas com políticos como Clodomir Millet, José Sarney e Pedro Neiva. Quando deixou de se candidatar a cargos eletivos, Emílio Biló Murad passou a ser convidado a ocupar cargos comissionados. Ele foi diretor do Serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado (Sioge). Durante todo o governo Pedro Neiva de Santana dirigiu a COHAB. No governo João Castelo esteve, também, por quatro anos, na direção da Lotema, a loteria estadual do Maranhão. Emílio Biló Murad foi o único de seus irmãos que se envolveu, a longo prazo, na política. Os demais se dedicaram apenas ao comércio. Entretanto, ele explica que outra parte da família que se constituiu na cidade de Coroatá, também, envolveu-se com política, como é o caso de Ricardo Murad<sup>10</sup>.

Paralelamente à carreira política, Emílio Biló Murad se envolveu com o esporte no Estado do Maranhão. Ele foi atleta amador e só largou o futebol, quando assumiu a Câmara de Codó como

---

Governador e Senador. Remy Archer foi diretor da estrada de ferro São Luís - Teresina; Ruy Archer formou-se em medicina; Renato Archer foi comandante da Marinha Brasileira e exerceu vários cargos eletivos, tendo sido inclusive candidato a Governador do Maranhão.

<sup>10</sup> Segundo Grill (2009, p. 156), Ricardo Murad é: “Oriundo de uma “família de empresários” de origem libanesa radicada em Coroatá. Seu primo em segundo grau (primo do seu pai), Emílio Biló Murad, empresário de Codó, foi vereador (1951-1962), deputado estadual (1963-1966), deputado federal (1967-1970), presidente da Companhia Habitacional do Maranhão (1971-1975), presidente da Loteria Estadual do Maranhão (1979-1983), secretário de Desportos e Lazer (1983-1987), assessor na Assembléia Legislativa (1987-1990). Formou-se em Direito pela UFMA e se casou com a filha de um importante político local, o industrial e pecuarista Vitor Trovão, que foi prefeito de Coroatá pela Arena em 1966 e deputado federal entre 1979 e 1990. Sua esposa foi prefeita de Coroatá e deputada estadual. Um sobrinho foi prefeito e um dos cunhados é vereador no município. Seu irmão, o empresário Jorge Murad, casou-se com a atual senadora, ex-deputada federal e ex-governadora, Roseana Sarney, filha, por sua vez, de José Sarney”. Além disso, ele foi reeleito novamente em outubro de 2010 e se licenciou em fevereiro de 2011 da Assembléia Legislativa para reassumir o comando da Secretaria de Estado da Saúde. Ele, ainda, é cunhado de Fernando Sarney, sócio de Joaquim Haickel no Sistema Mirante.

vereador por quatro mandatos consecutivos. Retornou à São Luís como deputado estadual em 1963. Nesse período, voltou a se engajar no futebol como vice-presidente de Chiquinho Aguiar, do Sampaio Corrêa. Largou tudo para trabalhar na campanha do futuro governador, José Sarney. Ele atuava no interior do Estado. Foi eleito deputado federal e, de 1967 a 1971, residiu em Brasília.

No ano de 1971, assumiu a presidência do Sampaio Correia. Em 1979, cobriu um mandato na Federação Maranhense de Desportos, em substituição a Domingos Leal. Em 1980, foi eleito para o cargo, ficando como presidente até 1983. Acompanhou a transição da Confederação Brasileira de Desportos para Confederação Brasileira de Futebol e também o desmembramento e criação das Confederações das modalidades basquete, vôlei e handebol. Figurava como fundador de todas essas entidades. Para Emílio Biló Murad, o que favorecia a entrada de muitos libaneses na política do Maranhão era o sucesso econômico. “Tivemos muitos libaneses políticos. Eu acho que era situação financeira. Os patrocinadores dos políticos eram os empresários. E tínhamos muito libaneses empresários”, concluiu.

Outro exemplo mais antigo é César Alexandre Aboud (ainda que de forma menos detalhada, é importante construir a trajetória de César pois, mais à frente, será possível perceber que seu êxito econômico influenciará inclusive na trajetória de Nagib Haickel). Ele entrou para o mundo da política quando já era um empresário atuante nas áreas comercial e industrialmente. Se na atividade empresarial, César Aboud alcançou êxito e fortuna, na política também experimentou momentos de glória e de satisfação, principalmente quando foi indicado consensualmente, por oposicionistas e governistas, presidente da Assembléia Legislativa, condição que o conduziria ao cargo de governador-interino do Maranhão, no ano de 1951, em substituição a Eugênio de Barros, que se licenciara para aguardar, no Rio de Janeiro, o julgamento dos recursos, no TSE, contra a sua diplomação e posse no governo (2001, p. 107).

No início do século XX, Júlia Drubi, viúva e com dois filhos (Jorge e Rajy Nahoun) saiu do Líbano e chegou ao Rio de Janeiro. Nesta cidade, conheceu o, também, libanês Alexandre Aboud e se casou novamente. No ano de 1907, Alexandre e Júlia partem para a cidade de Cruzeiro do Sul, no Acre. Lá nasceram os três primeiros filhos do casal: Eduardo, Vitória e César. O último nasceu no dia 23 de fevereiro de 1910. Quando César Alexandre Aboud tinha 2 anos, a família veio morar no Maranhão, a convite de Wady, Manih e Felipe (irmãos de Alexandre). Na época, eles trabalhavam no comércio local. De acordo com Buzar (2001, p. 108): “Em São Luís, César teria seus primeiros contatos com os livros, através de Dona Santinha, que lhe dava aulas em casa. Alfabetizado, foi matriculado no Colégio Maristas, onde fez o curso primário” .

Ainda na infância, César Alexandre Aboud perdeu o pai, que já era um comerciante estabelecido em Pinheiro. Estimulada pelo filho mais velho, Rajy Nahoun, que já morava na

Argentina, Júlia foi morar em Buenos Aires, na companhia de César, Alice e Olinda (as filhas caçulas, nascidas no Maranhão). Segundo Buzar (2001, p. 108-109):

Na capital da Argentina, onde passaram apenas dois anos, César estudou na Escola Bartolomeu Mitre e, com 11 anos, começou a trabalhar como transportador de mercadorias na firma de José Gassard, para ajudar a mãe na manutenção da família. Em 1922, dona Júlia e os filhos já estavam de volta ao Brasil. O tio Many mandou buscá-los. Novamente instalados em São Luís, César foi estudar no colégio Gilberto Costa e, com 14 anos, empregou-se na firma Chames Aboud.

A Chames Aboud pertencia ao seu tio Wady. César começou viajando para o interior do Maranhão para vender mercadorias, principalmente, tecidos. Trabalhando, no ano de 1926, diplomou-se contador no Centro Caixerai<sup>11</sup>. Seu tio Many o levou ao Rio de Janeiro para que ele trabalhasse na empresa Many Aboud & Cia.. César e seu irmão Alexandre se associaram a essa empresa, cuja atuação era na importação de arroz e babaçu do Maranhão, para revender no mercado sulista.

No ano de 1932, período em que a empresa já estava consolidada, César noivou com a catarinense Ruth, que era cunhada do tio Many. No dia 23 de julho de 1933, eles se casaram na cidade de São José, em Santa Catarina, local de nascimento de Ruth. Juntos eles tiveram cinco filhos, sendo uma adotiva.

César foi nomeado judicialmente síndico da massa falida da Companhia Industrial Mineira, de Juiz de Fora, no ano de 1935. A Many Aboud & Cia. era credora desta companhia. Buzar (2001) explica que, após recuperar a companhia, César voltou ao Rio de Janeiro para administrar a Many Aboud & Cia, que na época estava se expandindo, em parte motivada pelas consequências da II Guerra Mundial.

Cumprida, com êxito, a missão realizada em Juiz de Fora, retornou para o Rio de Janeiro, onde a empresa da qual era um dos sócios, atravessava uma fase de vigoroso crescimento, em decorrência da eficiência com que vinha sendo administrada e da II Guerra Mundial, cujos reflexos na economia brasileira permitiram que os nossos produtos primários entrassem em larga escala no mercado americano e europeu. Essa abertura proporcionou a ampliação dos negócios, com a exportação de algodão, arroz e babaçu para aqueles países (BUZAR, 2001, p. 110).

No ano de 1938, César retornou para o Maranhão para administrar a fábrica Santa Isabel, de propriedade de Nhozinho Santos. Na época, esta fábrica não estava atravessando uma boa fase econômica e foi comprada pelos Aboud. E, então, César foi convocado para administrá-la, com a ajuda de José Francis. Buzar (2001, p. 111) relata que:

Para recuperar a Santa Isabel, imediatamente, foram importados equipamentos modernos da Europa. Dentro de pouco tempo, a fábrica já apresentava uma nova linha de produção. Do riscado, seu principal artigo, passou a produzir trinta novos tipos de tecido, destacando-se lona, lonita, morim, brim, mescla, xadrez, etc. Sob o

---

<sup>11</sup> Sobre a importância da instituição na formação e sociabilidades dos comerciantes de São Luís, bem como na constituição de uma “elite econômica”, ver Neves (2011).

comando de César, a Santa Isabel tornou-se uma das indústrias mais sólidas e conceituadas do País, exportando tecidos, inclusive para o estrangeiro.

No ano de 1946, morre o tio Many, no Rio de Janeiro. Com isso, a empresa homônima desapareceu. Então, César e Alexandre Aboud deram início a uma nova empresa com o mesmo objetivo da anterior. Seu nome era Sociedade Aboud Comércio Limitada e o nome fantasia era Duoba (Aboud ao contrário). A Santa Isabel teria contribuído significativamente para o crescimento econômico do Maranhão, gerando receita e empregos, chegando a ocupar mais de mil operários (BUZAR, 2001). Com a paralisação da fábrica, César deixou o ramo industrial, voltando para a atividade onde começou a sua vida empresarial: a firma individual Comércio César Alexandre Aboud e com o irmão Alexandre, com quem criou a Rasec (César ao contrário).

Além da vida empresarial, a trajetória de César foi marcada por sua atuação na vida política do Maranhão, bem como por cargos e funções exercidas em várias entidades e instituições. No ano de 1945, César entrou para a política. De acordo com o relato de Benedito Buzar (2001), foi “pelas mãos de Genésio Rego” que ele ingressou no Partido Social Democrático (PSD), tendo se desligado do partido pouco tempo depois, motivado pelo rompimento com Vitorino Freire. Filiou-se ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e, por esse partido, concorreu a deputado. Ficou na primeira suplência do PTB. Entretanto, com a realização dos pleitos suplementares, conseguiu os votos necessários para se tornar o representante do partido de Getúlio Vargas na Assembléia Legislativa.

Convidado por Vitorino Freire e José Mattos, deixou o PTB e ingressou no Partido Social Trabalhista (PST). Por esse partido, candidatou-se a deputado estadual em 1950. Atingiu uma votação expressiva, segundo Buzar (2001). Ele destaca, ainda, que: “Nas eleições proporcionais de 1954, desta feita pelo PSD, que Vitorino havia arrebatado de Genésio Rego, mais uma vez se viu vitorioso nas urnas. As violentas e grosseiras fraudes eleitorais processadas no interior do Estado impediram que tivesse êxito nos pleitos de 1958 e 1962” (BUZAR, 2001, p. 112-113).

Em 1951, as Oposições Coligadas não se conformaram com a eleição de Eugênio de Barros para o cargo de governador do Maranhão. Nesse período, havia suspeita de fraude no processo eleitoral, levando o grupo político e parte da população a questionarem a legalidade da posse do governador eleito. Tudo isso gerou uma crise política que chegou a paralisar atividades públicas e privadas. Buzar (2001, p. 113) relata que:

Para resolver o impasse, encontrou-se a fórmula que agradou a vitorinistas e oposicionistas: Eugênio Barros se licenciaria e assumiria interinamente o governo o presidente da Assembléia Legislativa. Consensualmente, César Aboud foi escolhido para essa missão. Com habilidade, competência e argúcia, mostrou que era o homem ideal para o cumprimento daquela delicada incumbência, realizando, no período de 14 de março a 18 de setembro de 1951, uma administração empreendedora e promovendo a pacificação política que o Estado desejava.

Após a transmissão do cargo de governador para o eleito Eugênio Barros, César renunciou à presidência do Poder Legislativo. Paralela às carreiras empresarial e política, César Aboud, também, dedicou-se profissionalmente ao esporte. Aos 4 anos de idade, César já tinha organizado um time de futebol em São Luís – o Botafogo. Na adolescência, fez parte do Esporte Clube Sírio Brasileiro, formado por descendentes libaneses. Deste clube ele foi dirigente e jogador.

Anos depois, após liderar uma dissidência no Sírio Brasileiro, tornou-se técnico do Atlético Clube. Conforme relembra Buzar (2001, p. 114): “Em 1939, já era notória a sua dedicação aos desportos. Em razão disso, recebeu convite do capitão do Exército Vitor Santos, para dirigir o Moto Club de São Luís, que não estava atravessando boa fase no campeonato”.

O Moto Club<sup>12</sup> é um clube de futebol da cidade de São Luís-MA. Ele foi fundado no dia 13 de setembro de 1937, e é um dos maiores clubes do Maranhão. Fundado em 1937, na antiga residência de César Alexandre Aboud, localizada na Rua da Paz, Centro de São Luís, o Moto tem um título do Campeonato Maranhão-Pará de 1972, um título da Copa Norte/Nordeste em 1947 e dois títulos na Segunda Divisão Maranhense, entre outros. No início, o objetivo era participar de atividades no ciclismo e motociclismo, mas abriu as portas para outros desportos e, no ano de 1939, o time ingressou no futebol após uma partida contra o Ateneu, mais precisamente no dia 13 de setembro daquele ano. Buzar (2001, p. 114) explica que:

Com o seu dinamismo, procedeu a mudanças e alterações no Moto, começando pela cor da camisa que, de verde e branca, passou para vermelha e preta, por causa do Flamengo. Reestruturou o clube, ampliou o quadro de associados, criou os departamentos de voleibol e basquete e reformou o estádio Santa Isabel, em 1942, construindo arquibancadas e dotando-o de condições apropriadas para o exercício do bom futebol que à época se praticava no Maranhão.

César Aboud faleceu em São Luís, no dia 20 de agosto de 1996. Esse resumo da sua trajetória permite perceber que ele atuou e se destacou em múltiplos espaços (econômico, esportivo e político). Além disso, possibilita notar o apoio familiar para o seu desenvolvimento econômico (ele começa a sua carreira de empresário trabalhando na empresa da família) e as estratégias acionadas ao longo de sua trajetória, como a educacional e a matrimonial, quando se casa com a cunhada do tio responsável pelo seu crescimento econômico.

Furtado (2008) listou exemplos de famílias que ascenderam no espaço econômico por meio do comércio. São elas: a família Maluf, proprietária da maior firma importadora e exportadora de Rosário-MA; a família Buzar, detentora de casas comerciais na cidade de Itapecuru-Mirim-MA; e a família de Elias Salomão Araújo, dono de comércio na cidade de Codó. O pesquisador ressalta que: “Aqueles que conseguiram sucesso como mascate utilizaram o capital adquirido e começaram a investir em outro ramo, ainda comercial, mas agora varejista e atacadista” (FURTADO, 2008, p. 36).

---

<sup>12</sup> Este clube foi criado pela família Aboud em parceria com a família Mouchrek, também de ascendência libanesa.

Vale ressaltar que os exemplos de imigrantes sírios e libaneses e seus descendentes na política do Maranhão não ficam restritos aos que já foram citados. Entretanto, é importante frisar que os casos de imigrantes que ascenderam economicamente por meio do comércio e converteram isso em destaque político são casos pontuais, que, entretanto, são disseminados como uma “vocação” inerente à etnia pelos próprios agentes. Percebe-se isso no discurso de um talento para a negocia o, para enriquecer por meio do comércio e para fazer uma política baseada no contato pessoal.

Considerando apenas a partir do ano de 1935, pode-se destacar alguns nomes que se desenvolveram no meio político: os deputados constituintes Ismael Salomão Mussal m e Alberto Zamith; os deputados Alfredo Salim Duailibe, Clodomir Teixeira Millet, Antonio Jorge Dino, Miguel Bahury, Emílio Murad, Mar o Filho, Nagib Haickel, Victor Trovão, Joaquim Haickel, Ricardo Murad, Mauro Fecury, Alberto Aboud, César Bandeira, César Aboud, João Jorge Filho, Alberto Aboud, Benedito Buzar, José Elouf, Aderson (Braide) Lago Filho, Emílio Bil  Murad, Jaime Braide, Sebastião Murad, José Lamar, Eduardo Braide, dentre outros. M lson Coutinho destaca, ainda, a participa o desses imigrantes e descendentes em outros espaços além do político, tais como o acad mico e na magistratura. Segundo o autor:

Na cátedra universitária pontificaram Alfredo e Antonio Duailibe, Salomão Fiquene, médico, cientista e homem de letras, Benedito Buzar, Joaquim Itapary, João Mohana e outros. (...) Na alta magistratura do Estado (desembargadores do Tribunal de Justiça), quatro nomes de relevo: Ives Miguel  zar, Jorge Rachid Mub rack Maluf, Jamil Gedeon Neto e Antonio Bayma Araújo. (...) Os três últimos com passagem pelas presidências dos Tribunais de Justiça e Regional Eleitoral (COUTINHO, 2001, p. 118).

Para entender a ascensão dos imigrantes s rios e libaneses no Maranhão,   necessário compreender a configura o familiar desses imigrantes. Essas famílias tinham uma configura o muito complexa e extremamente interdependente. Basicamente, dividia-se em três grupos: a família conjugal, composta pelos pais e seus respectivos filhos; a família extensa, na qual estão inclusas os parentes mais próximos, como os avós (chefes da família como um todo); e a família grupal, da qual faziam parte parentes mais distantes, como tios, primos etc. De acordo com M lson Coutinho (2001, p. 112): “Esta estrutura d  a família s rio-libanesa solidez cultural invejável, caracterizada pela obediência, respeito e dignidade. São muito unidos e afetuosos. Fazem freqüentes reuniões familiares”. Uma observa o relevante feita por M lson Coutinho é sobre os casamentos entre os imigrantes<sup>13</sup>. “A família extensa por sua vez, controla o comportamento e o casamento dos membros. Muitas vezes a escolha da noiva seja feita pela família, embora no habitual seja feita

<sup>13</sup> O controle do casamento dos filhos, também, pode ser entendido como uma estratégia matrimonial, afinal, essas uniões, na maioria das vezes, objetivavam a manuten o ou o aumento do patrim nio familiar. Os casamentos, normalmente, eram “arranjados” com moças e rapazes “de família”, ou seja, com certo poder econômico e representatividade social.

pelos noivos” (COUTINHO, 2001, p.112). Nos estudos das trajetórias, essa informação é útil para trabalhar a ideia de que os casamentos eram, significativamente, influenciados pelos atributos econômicos e políticos dos envolvidos no enlace matrimonial.

### 3 Considerações finais

Em todos os casos de imigração aqui relatados, pode-se notar que, antes de serem assimilados como parte da elite nacional, os imigrantes passaram por um processo de afirmação econômica. Após a ascensão econômica que alguns desses agentes puderam adentrar as instituições da elite local vigente e se relacionarem socialmente com este meio. Além disso, é válido observar que as etnias aqui relatadas conseguiram ascender economicamente por meio do comércio. Os sírios e libaneses, tanto em São Paulo, quanto no Maranhão, praticavam o comércio. Esse tipo de atividade escolhida deu a essa parcela bem sucedida de imigrantes uma posição de vantagem com relação aos imigrantes que se voltaram para o colonato, pois o comércio não os colocava na posição de submissos à sociedade brasileira da época. Destaca-se que a prática da atividade comercial era repassada pelos pais aos filhos, que passavam a reproduzir o ofício aprendido. Havia, então, não somente a transferência do ofício, mas de toda uma rede de relações já estabelecida pelos pais, que posteriormente proporcionavam lucros materiais e simbólicos (BOURDIEU, 1998).

Outra questão importante, ainda ligada à atividade exercida pelos imigrantes e seus descendentes, foi que, após a ascensão por meio do êxito no comércio, os descendentes dessas gerações, adentraram as instituições de ensino brasileiras mais renomadas, para obterem a formação em carreira liberais, como medicina, direito e engenharia. Entram em cena as *estratégias educativas* (BOURDIEU, 2002). Nesse caso, não são apenas as áreas escolhidas que são relevantes por possibilitarem o alcance de uma posição de dominante na sociedade. As instituições escolhidas para obter a formação são de vital importância para os vínculos, as redes de relações que serão formadas e que, mais tarde, poderão ser acionadas para conseguir ocupar uma posição social de destaque. Como relata Odaci Luiz Coradini (1997, p. 418) ao estudar a formação da elite médica na Academia Nacional de Medicina: “...se por um lado, esse tipo de instituição exerce funções tais como a institucionalização e o controle do exercício da medicina, por outro, constitui uma instância de acumulação de capital de relações e de consagração de imagens sociais”.

Fica evidente, também, a estratégia de dominação e reprodução das posições sociais elevadas por meio da criação de vínculos matrimoniais. A homogamia étnica é comum tanto aos sírios quanto libaneses em São Paulo e no Maranhão. Os casamentos entre membros economicamente bem sucedidos da própria comunidade colaboraram para o fortalecimento do patrimônio desses indivíduos, principalmente, nas primeiras gerações. Ressalta-se que, concomitantemente à entrada dos descendentes de imigrantes em instituições de ensino renomadas, houve uma ampliação dos vínculos sociais desses indivíduos. Isso fez com que a homogamia étnica

fosse, paulatinamente, substituída pela homogamia social, tendo ambas colaborado para o fortalecimento do patrimônio econômico, político, midiático e social desses agentes. Não é à toa que Alfredo Duailibe, por exemplo, casa-se com uma “descendente de família tradicional maranhense”. Sendo ele um filho de comerciante bem sucedido e sobrinho de um influente político, tendo estudado medicina no Rio de Janeiro, era de se esperar que as suas redes de relações tendessem probabilisticamente a um casamento com alguém com destaque social semelhante. É preciso compreender as propriedades socialmente constituídas.

Para finalizar, é válido ressaltar que a formação intelectual desses indivíduos provenientes de famílias descendentes de imigrantes, bem sucedidas economicamente, em alguns casos, acaba culminando no investimento em produções textuais sobre a família. Nessas produções, é possível perceber o tom elogioso e que sempre destaca os feitos da família frente aos desafios econômicos de se tornar bem sucedida e respeitada em um país estrangeiro. Nos casos dos descendentes de libaneses no Maranhão, esse tipo de estratégia de investimento em capital simbólico, colaborando para a construção e idealização de um “talento nato” para o comércio e administração como um todo, é bastante perceptível nas famílias que foram estudadas. Essas produções textuais ajudam a fortalecer o capital de notoriedade desses personagens que conseguiram sucesso econômico e, conseqüentemente, das famílias às quais eles pertencem (BOURDIEU, 2004). Essas produções textuais e até mesmo o modo de contar as histórias familiares ao longo das gerações, podem ser compreendidas como estratégias de sociodidécias, na qual se busca legitimar a dominação, privilegiando a reprodução da percepção mais favorável ao produtor, colaborando na disseminação de um esquema de percepção que favorece à família (BOURDIEU, 2002).

### **Referências bibliográficas**

BOURDIEU, Pierre. Os modos de dominação. In: BOURDIEU, P. **A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. São Paulo: Zouk, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais das Ciências**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

BOURDIEU, Pierre. O Capital Social. In: BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Campinas: Vozes, 1998.

BUZAR, Benedito. **Vitorinistas e Oposicionistas**. São Luís. [s.n.]. 2001.

CORADINI, O. L. Grandes Famílias e "Elite Profissional" na Medicina no Brasil. In: **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, III (3), nov. 1996 - fev. 1997.

COUTINHO, Mílson. **O magistrado da cidadania e justiça: notas referentes à presença libanesa na vida pública do Estado e apontamentos sobre um novo modelo de justiça na virada do século**. São Luís: Lithograf, 2001.

GRILL, Igor Gastal. **Heranças políticas no Rio Grande do Sul**. Edufma: São Luís, 2008b.

LIMA, Olavo Correia. **Sírios e libaneses no Maranhão: perspectiva antropológica**. São Luís: [s.n.], 1981.

MURAD, Emílio Biló. Entrevista concedida ao Prof. Dr. Igor Gastal Grill, no dia 15 de junho de 2007.

TRUZZI, Oswaldo M. S. **De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo**. São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP, 1991.